Aula 5

A HISTORIOGRAFIA SEGUNDO GIOVANNI LEVI (1939-)

META

Caracterizar o pensamento historiográfico de Giovanni Levi.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

elencar e explicar os principais aspectos do pensamento historiográfico de Giovanni Levi

INTRODUÇÃO

Giovanni Levi, ao lado de Carlo Ginzburg, é um dos principais formuladores e arautos da chamada Micro-História. A "escola", como veremos, nasceu na Itália mas tem-se difundido na Europa e conta com adeptos no Brasil. Dentre os historiadores brasileiros adeptos da micro-história, destaca-se o carioca Ronaldo Vainfas, professor da Universidade Federal Fluminense, homem de muito poder e fama. O autor do texto de hoje, Giovanni Levi, é italiano, professor de história na Universidade de Veneza. Já Carlo Ginzburg ministrou história moderna na Universidade de Bolonha e na Universidade da Califórnia (EUA). Desde 2006 leciona na Escola Normal Superior de Pisa, na Itália. Levi e Ginzburg estão ligados à revista Cadernos Históricos, onde divulgam textos de micro-história. Ginzburg publica pela prestigiosa Editora Einaudi, de Turim. Os dois dirigem, nessa editora, uma coleção intitulada Micro-história. Os livros de Guinzburg estão todos traduzidos em língua portuguesa. De Giovanni Levi temos tradução de uma das suas obras, A herança imaterial, pela Editora Civilização Brasileira.

ASPECTO GERAL DA MICRO-HISTÓRIA

O autor inicia fazendo uma caracterização geral da chamada micro-história. Para ele, a micro-História não é escola fechada, com princípios rígidos. Não é uma doutrina com um "catecismo" monolítico. A micro-História é, essencialmente, uma "prática historiográfica", um estilo ou modo de fazer historiografia. É um trabalho experimental. Um conjunto de "procedimentos reais detalhados". Note a ênfase no efetivo (fazer), no experimentalismo (tentativas) e no micro (detalhamento). Podemos tomar esses traços como aspectos gerais da micro-História.

CONTEXTO DE SURGIMENTO DA MICRO-HISTÓRIA

Após apresentar o perfil geral da micro-história, Levi nos mostra o contexto em que ela emerge nas três décadas finais do século passado. Na opinião do autor, os anos de 1970 e 1980 foram marcados pela crise da crença nas mudanças revolucionárias. Em síntese, crise do marxismo, fim do "socialismo real", queda do muro de Berlim, fim da Guerra Fria. Nesse contexto, duas crenças foram questionadas: a) o automatismo das mudanças e b) o progresso das sociedades. Tomou-se consciência das resistências às mudanças, da força das permanências. Por outro lado, percebeu-se que o progresso não é uma fatalidade inerente ao processo histórico. Foi um momento de certo ceticismo, de certa desesperança no fazer político, sobretudo revolucionário.

Em tal contexto de crise – diz Levi – surgem algumas reações: de um lado, o "relativismo", o neoidealismo e a filosofia irracionalista; de outro, a Micro-história, fundada no marxismo, no irracionalismo. Note a filiação explícita da micro-história ao marxismo [tal fato me leva a pensar num certo colega que se diz arauto da micro-história e, ao mesmo tempo, diz ter horror ao marxismo. Acho que ele não sabe do que está falando]. Note ainda o afastamento da micro-história com respeito à "virada linguística" que, nos termos do autor, nada mais é do que a redução da historiografia à estética. O alvo visado – como você pode perceber – é a teoria tropológica de Hayden White, vista na segunda aula. O contexto é de luta tanto ideológica quanto epistemológica. As correntes historiográficas não mantêm entre si relações amistosas ou diplomáticas.

A micro-história é apresentada por Levi como sendo uma "descrição realista do comportamento humano", enfatizando a ação e o conflito, e ainda a relativa liberdade dos indivíduos por meio de negociações, manipulações, escolhas, brechas e contradições. Assim apresentando a micro-história, ele quer marcar distância não só do estruturalismo (que dissolve os indivíduos), como também do funcionalismo (que enfatiza o consenso) e do "neoidealismo" (que reduz a historiografia à retórica). A micro-história seria, assim, um marxismo adaptado aos tempos atuais. Concilia luta de classes com abordagem interpretativa e narrativismo. Atente para o propósito implícito: dar nova vida ao marxismo, atualizá-lo, adaptá-lo aos novos tempos, às novas demandas intelectuais e sociais.

ELEMENTOS GERAIS DA MICRO-HISTÓRIA

a) Redução de escala – consiste, no dizer do autor, numa análise microscópica do objeto. Em lugar de tomar como ponto de partida e observação uma estrutura, uma classe, uma época, o micro-historiador toma como ponto de partida um indivíduo, um caso particular. É o que faz Ginzburg, por exemplo, em O Queijo e os Vermes. Todavia, a inteligência do micro não se esgota em si mesma. Partindo do micro, o historiador vai estabelecer nexos com totalidades mais abrangentes ou estruturais. Menocchio não é uma ilha. A sua "cultura" remete a um contexto mais abrangente: sua visão de mundo não é fruto exclusivo da sua personalidade ou delírio. Fazendo assim, a micro-história tenta resgatar a semiautonomia dos sujeitos e as contradições inerentes à vida social.

Na visão dos micro-historiadores, abordar um indivíduo ou um caso não implica tomá-los como ilhas isoladas ou autossuficientes. Pode-se afirmar que, para eles, o caso é somente uma porta de entrada para algo mais abrangente: uma estrutura, uma mentalidade, uma classe social. O micro-historiador não estuda indivíduos, mas a partir de indivíduos. Dito de outro modo, o micro se articula ao macro, ao estrutural, às totalidades

sociais. Por outro lado, ao enfatizar o indivíduo, o micro-historiador resgata a relativa autonomia dos sujeitos. A estrutura não é onipotente. É uma jaula, mas uma "jaula flexível", como diz Ginzburg. Ela possibilita certos movimentos dos indivíduos, certo espaço de liberdade, certa autonomia.

A ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA E O ANTIRRELATIVISMO

A INFLUÊNCIA DA ANTROPOLOGIA

O autor nos diz que a micro-história tem muita semelhança com o método da "descrição densa", praticado e formulado por Clifford Geertz. Ou seja, a micro-história não parte de uma teoria generalizante e "encaixa" os dados observados como exemplos de "leis". Tal como a Antropologia, o micro-historiador focaliza sinais significativos e tenta ordená-los em algo inteligível. Noutros termos, adota uma atitude semiológica ou compreensiva, concebendo o seu trabalho como decifração de signos (interpretação), e não como formulação de leis ou generalizações de longo alcance. Historiadores e antropólogos seriam hermeneutas da cultura. Todavia, nos diz Levi, o micro-historiador se diferencia do seguidor de Geertz em três aspectos capitais:
a) Enquanto Geertz não acredita na possibilidade de uma "explicação total", pois crê que o antropólogo está fatalmente ligado a um contexto mental específico e que não existe uma nacionalidade humana universal, o micro-historiador se afasta de tal posição defendendo a existência de universais cognitivos. Numa palavra, o micro-historiador condena o relativismo epistemológico de Geertz.
b) Por outro lado, enquanto Geertz desconfia das teorias de longo alcance, toma as teorias como meros fornecedores de vocabulário para a descrição cultural, o micro-historiador defende a possibilidade de formular modelos gerais de inteligência do cultural.
c) Por fim, enquanto a abordagem de Geertz, no dizer do autor, é homogeneizadora e transclassista, o Micro-Histȯriador valoriza as diferenças, as classes e a luta, numa tradição muito influenciada pelo marxismo, pela noção de luta de classes.

As três diferenças entre a micro-história e a antropologia interpretativa de Clifford Geertz mostram o esforço dos adeptos da micro-história para demarcarem um campo próprio, tanto epistemológico quanto político. Contra o relativismo (postulado por Geertz), o micro-historiador crê ser possível, no conhecimento histórico, atingir o universal. O que Ginzburg diz sobre Menocchio pode trazer luz sobre as relações entre classes noutros contextos. É possível, assim, em certo sentido, generalizar. Geertz, ao contrário, é avesso às generalizações. Para ele, a função da teoria é meramente fornecer um vocábulo para a descrição cultural.

A VALORIZAÇÃO DA NARRATIVA

A narrativa, no âmbito da micro-história, tem dois papéis básicos.

Em primeiro lugar, possibilita ao micro-históriador fugir das generalizações apriorísticas, dando espaço à liberdade relativa dos indivíduos. Mostra as "inconsistências internas" existentes em qualquer ordem social e evidencia os espaços relativos de autonomia dos indivíduos no interior de uma dada ordem social. Foge do estruturalismo e do funcionalismo. Acentua o lugar das individualidades. Mais uma vez podemos evocar o exemplo de Menocchio: mesmo inserido na "jaula flexível" da sua classe, do seu meio social, do seu tempo, ele pôde criar uma visão de mundo em grande medida singular, autônoma, individual. Noutros termos, a narrativa micro-histórica acentua a relativa autonomia dos sujeitos na trama social em que estão inseridos, imersos, envoltos.

Uma segunda função da narrativa micro-histórica é, segundo Giovanni Levi, expor os "procedimentos de pesquisa". O micro-historiador revela ao leitor as limitações documentais, as hipóteses orientadoras da pesquisa, a linha interpretativa seguida na abordagem. Não enrola o leitor. Convida-o a participar da aventura. Não "esconde o jogo". Traz para a cena os bastidores do fazer historiográfico, mostra o seu ponto de vista. O autor dialoga com o leitor, não o ignora. Na ficção brasileira, temos um caso exemplar desse procedimento na obra de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Em muitos dos seus romances, o narrador machadiano se dirige ao leitor, brinca com ele. Tal ocorre no capítulo 59 de Dom Casmurro (1899). Releia o livro agora sem a peia da obrigação, por deleite !

CONCLUSÃO

Finalizando o texto, Levi retoma algumas ideias de Jacques Revel sobre a micro-história. Conforme Revel, o desafio principal da micro-história reside na tentativa de dar conta da "complexidade" da realidade social retratada, sem sacrificá-la. Um outro desafio, de ordem metodológica, é o de "ler nas entrelinhas", captar significados, dar conta do papel ativo dos sujeitos como agentes históricos. Por fim, o autor enfatiza o caráter antirrelativista da micro-história e a ambição de formalização por meio de conceitos oriundos das Ciências Sociais (Configuração, por exemplo).

RESUMO

Como vimos em nossa quinta aula, o italiano Giovanni Levi é um dos principais formuladores da chamada Micro-História. Tal corrente é apresentada pelo autor como sendo uma "descrição realista do comportamento humano", enfatizando a ação e o conflito, e ainda a relativa liberdade dos indivíduos por meio de negociações, manipulações, escolhas, brechas e contradições. Em lugar de tomar como ponto de partida e observação uma estrutura, uma classe, uma época, o micro-historiador parte de um indivíduo, um caso particular, uma porta de entrada para algo mais abrangente: uma estrutura, uma mentalidade, uma classe social. O micro-historiador não estuda indivíduos, mas a partir de indivíduos. Focaliza sinais significativos e tenta ordená-los em algo inteligível. Adota uma atitude semiológica ou compreensiva, concebendo o seu trabalho como decifração de signos (interpretação), e não como formulação de leis ou generalizações de longo alcance. Valoriza as diferenças, as classes e a luta, numa tradição influenciada pelo marxismo. A teoria formulada por Levi, acentua a relativa autonomia dos sujeitos na trama social. Mostra as "inconsistências internas" existentes em qualquer ordem social e evidencia os espaços relativos de autonomia dos indivíduos.

TEXTOS BÁSICOS

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história.** São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. p. 133-161.
GRENDI, Eduardo. **Repensar a micro-história**? In: REVEL, Jacques (Org.). Jogos de Escala. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.251-282.

PARA SABER MAIS SOBRE MICRO-HISTÓRIA, CONSULTAR:

GINZBURG, Carlo. **Micro-história**: duas ou três coisas que sei a respeito. O Fio e os Rastros. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 249.
GINZBURG, Carlo. O Nome e o Como. **A micro-história e outros ensaios** . Lisboa: DIFEL, 1991. p. 169-178.
GINZBURG, Carlo. **Sinais**: raízes do paradigma indiciário. Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
LEVI, Giovanni. **Sobre a micro-história**. In: BURKE, Peter (Ed.). A Escrita da história. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. p. 133-166.
REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escala**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
VAINFAS, Ronaldo. Micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

OBRAS EXEMPLARES DE MICRO-HISTÓRIA:

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
GOMES, Plínio. **Um Herege Vai ao Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
MOTT, Luiz. **Rosa Egipcíaca**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.
SOUZA, Laura de Melo E. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pelados.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ATIVIDADES

1. Conforme o autor, em que contexto emerge a micro-história?
2. Quais são os traços gerais da micro-história?
3. Como a micro-história se afasta do estruturalismo, do funcionalismo e do idealismo?
4. Em que consiste a redução de escala?
5. Como a antropologia de Geertz influenciou a micro-história?
6. Como os micro-historiadores concebem a narrativa historiográfica?

REFERÊNCIAS

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. **O Fio e os Rastros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 249.
GINZBURG, Carlo. O Nome e o Como. **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa: DIFEL, 1991. p. 169-178.
GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes do paradigma indiciário. **Mitos, Emblemas, Sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Ed.). **A Escrita da história.** São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. p. 133-166.
REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escala.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.
VAINFAS, Ronaldo. **Micro-história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.